revista humanidades digitais

H2D

digital humanities journal

Escrever devagar com máquinas: poesia gerada por IA e o paradoxo da criação acelerada

Autor:

Andreia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal

https://orcid.org/0000-0002-7699-043X

Como citar:

Oliveira, A. (2026). Escrever devagar com máquinas: poesia gerada por IA e o paradoxo da criação acelerada. *H2D | Revista de Humanidades Digitais, 8*.

DOI: 10.21814/h2d.6987

História do artigo: Submetido a 11 de novembro, 2025; Aceite a 2 de fevereiro, 2026; Publicado a 6 de fevereiro, 2026

This work is licensed under a Creative Commons CC BY.

Escrever devagar com máquinas: poesia gerada por IA e o paradoxo da criação acelerada

Writing slowly with machines: AI-generated poetry and the paradox of accelerated creation

Andreia Oliveira[1], Universidade de Aveiro, Portugal

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a poesia gerada por Inteligência Artificial (IA), interrogando o paradoxo entre a aceleração maquínica da produção textual e a lentidão requerida pela leitura e pela experiência estética. Partindo da recusa em validar a máquina enquanto sujeito poético autónomo, defende-se a sua apropriação como espaço experimental e material crítico. A análise incide sobre textos produzidos por modelos de linguagem a partir de *prompts* humanos e de *prompts* propostos pelo próprio *chatbot,* numa abordagem de natureza exploratória, com enfoque nas temáticas das sexualidades e das identidades. Examina-se de que modo a IA revela tendências de simplificação e homogeneização estética, mas também como, a partir dessas imagens finais devolvidas pelo *chatbot*, se abrem possibilidades de análise crítica. A poesia produzida pela máquina surge, assim, como lugar de tensão entre limites e potencialidades, exigindo do leitor um papel ativo: é na leitura lenta e atenta, enquanto prática interpretativa consciente, que se reinscrevem os textos, transformando-os em espaço de resistência simbólica e em horizonte de reflexão ética e estética.

Palavras-chave: poesia artificial, IA generative, sexualidade(s), identidade(s), slow reading.

Abstract

This article offers a critical reflection on poetry generated by Artificial Intelligence (AI), examining the paradox between the machinic acceleration of textual production and the slowness required by reading and aesthetic experience. Rejecting the validation of the machine as an autonomous poetic subject, the study proposes its appropriation as an experimental space and critical material. The analysis focuses on texts produced by language models through both human-generated *prompt*s and *prompts* proposed by the *chatbot* itself, within an exploratory framework, and addresses themes related to sexualities and identities. It examines how AI reveals tendencies toward aesthetic simplification and homogenization, while also opening up possibilities for critical interpretation based on the poetic images it generates. Machine-produced poetry thus emerges

[1] **Andreia Oliveira** é doutorada em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e investigadora colaboradora no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro. Nos últimos anos, tem vindo a articular os Estudos Literários com as Humanidades Digitais Críticas e a Inteligência Artificial, explorando criticamente a criação literária mediada por tecnologia e interrogando as transformações da autoria, da temporalidade estética e das representações identitárias na cultura digital. Desenvolve igualmente investigação nas áreas da literatura portuguesa e das literaturas africanas de língua portuguesa, com especial enfoque em censura, género, sexualidades, marginalização e práticas discursivas contemporâneas, dedicando particular atenção à produção literária feminina. Tem trabalhos publicados em revistas científicas e volumes coletivos nacionais e internacionais, no cruzamento entre literatura, cultura digital e estudos críticos contemporâneos. Integrou anteriormente a equipa do projeto Novas Cartas Portuguesas – 40 anos depois (2009–2010, ILCML-FLUP) e do projeto Sexualidades e Género nas Literaturas Africanas e de Língua Portuguesa (2014–2020, FCT–CLP/FLUC). É colaboradora da Bela e o Monstro Edições. Contacto de email: andreia.foliveira@ua.pt

as a site of tension between limitations and potentialities, requiring an active role from the reader: it is through slow and attentive reading, understood as a conscious interpretative practice, that these texts are reinscribed as spaces of symbolic resistance and ethical and aesthetic reflection.

Keywords: artificial poetry, generative AI, sexuality(ies), identity(ies), slow reading.

1. Introdução

Nas últimas décadas, a utilização de modelos de Inteligência Artificial (IA) na produção de textos literários — sobretudo poesia — tem vindo a suscitar novas formas de pensar a criação estética e o próprio conceito de autoria. Esta convergência entre linguagem algorítmica e expressão poética evidencia um paradoxo central: a aceleração maquínica, capaz de gerar centenas de versos em segundos, confronta-se com a lentidão constitutiva da experiência estética, tradicionalmente associada à contemplação, à pausa e ao tempo demorado da linguagem. É neste espaço de tensão que se inscreve a reflexão aqui desenvolvida, procurando compreender de que modo a técnica pode ser reinscrita no domínio do humano e da sua relação simbólica com a palavra.

Em vez de discutir se a máquina pode ser considerada autora ou se os textos produzidos por IA podem ser reconhecidos como literatura — debates já amplamente explorados por diversos teóricos —, propõe-se analisar de que forma a escrita mediada por algoritmos, entendida como prática crítica e experimental, pode ser mobilizada para uma poética da lentidão e da resistência ao imediatismo tecnológico, articulando-se com a reconsideração de categorias como tempo, autoria e presença estética. Parte-se da hipótese de que a produção acelerada de textos por sistemas de linguagem não conduz, por si só, a uma experiência estética de desaceleração, mas pode ser apropriada criticamente, através de práticas de leitura atenta e interpretação hermenêutica, como espaço de resistência simbólica face à lógica da rapidez e da automatização. A leitura lenta é, assim, entendida não como efeito necessário da escrita maquínica, mas como gesto ético e interpretativo que reinscreve os textos gerados por IA no campo da reflexão estética e cultural.

A análise desenvolver-se a partir de um conjunto de poemas gerados em interação com *prompts* concebidos tanto por humanos como pelo próprio *chatbot*, explorando temáticas relativas à(s) sexualidade(s) e identidade(s). Trata-se de um exercício de natureza exploratória, que não visa estabelecer generalizações, mas observar tendências discursivas, limites estéticos e possibilidades críticas da criação algorítmica em contextos temáticos específicos. Procura-se, assim, evidenciar a poesia artificial como espaço de experimentação crítica, onde a colaboração entre humano e máquina permite repensar o gesto literário e as suas implicações éticas e estéticas.

2. Do excesso à contemplação: autoria e temporalidade na poesia gerada por IA

Os modelos de linguagem, treinados em vastíssimos conjuntos de dados, operam por meio da predição estatística: cada palavra é selecionada em função da probabilidade de suceder à anterior. Em *Os algoritmos e nós*, Paulo Nuno Vicente descreve o seu funcionamento, a evolução histórica e o impacto quotidiano nas diferentes esferas privada e pública, sublinhando o "reconhecimento crítico de que vivemos na era da legitimação social dos algoritmos enquanto modo de conhecimento e fonte de autoridade" (2023, p. 11).

Este debate, como o autor sublinha, não deve restringir-se a cientistas e engenheiros, devendo incluir contributos de outros domínios, como os Estudos Literários, a partir dos quais se desenvolve esta reflexão.

É pertinente, contudo, sublinhar que os modelos extensos de linguagem não operam exclusivamente ao nível da palavra enquanto unidade semântica plena, mas recorrem igualmente a padrões sublexicais e estatísticos, cuja articulação pode carecer de significado linguístico autónomo (Kirschenbaum & Raley, 2024). Esta dimensão complexifica ainda mais a noção de "linguagem" em contexto algorítmico, deslocando-a de uma lógica semântica para uma lógica probabilística, o que exige uma problematização mais ampla da materialidade textual gerada pela IA.

Nesta linha, importa considerar o que autores como Jennifer Slack e Stefka Hristova (2021) designam como "algoritmização da cultura", ou seja, o modo como os sistemas de dados e as suas infraestruturas técnicas moldam imaginários e práticas culturais, influenciando a circulação do conhecimento e a própria perceção do real. De acordo com a sua perspetiva,

> Beyond recognizing that the design and implementation of specific machine algorithms have significant effects, the concept "algorithmic culture" draws attention to the reality that culture is increasingly explained by, responsive to, and shaped in and by the pervasive work of algorithms. Algorithmic culture exhibits a distinctive circularity, an enfolding really, where algorithms are increasingly used to "explain" culture and culture is increasingly crafted "to become" algorithmic. (2021, p.18).

De forma convergente, Safiya Noble[i] (2018) aborda este fenómeno como um processo de codificação e automação que reflete, configura e reproduz diferenças culturais, tendo um impacto significativo na diversidade cultural e na luta contra o racismo e outras formas de exclusão social na esfera digital. Também Wendy Hui Chun, em *Discriminating data* (2021), analisa como os sistemas algorítmicos moldam a cultura contemporânea ao automatizar processos de reconhecimento e de produção de valor, defendendo que essa lógica de personalização e autenticidade reforça a segregação e a normatização das diferenças, criando uma cultura de invisibilidade e reduzindo a autonomia crítica. A autora alerta, assim, para os riscos de uma cultura digital despolitizada e desumanizada, dominada por processos automáticos que naturalizam desigualdades.

No caso da composição de um poema, um modelo de linguagem produz, em segundos, um texto que imita estruturas, ritmos e imagens de tradições poéticas previamente processadas, a uma velocidade inalcançável ao humano. Esta aceleração, contudo, não constitui uma oposição absoluta às práticas humanas de escrita, uma vez que, historicamente, movimentos como o Surrealismo experimentaram formas de produção textual acelerada, automática e não mediada pela reflexão consciente. No contexto contemporâneo, este ritmo vertiginoso dialoga com a crítica de Byung-Chul Han (2010; 2021) à "sociedade do cansaço" e à "infocracia"[ii], em que a aceleração da informação conduz ao esgotamento da experiência e à perda da capacidade contemplativa. Mais do que estabelecer uma dicotomia entre máquina rápida e humano lento, observa-se, assim, uma reconfiguração das temporalidades da criação literária, na qual a produção algorítmica intensifica o excesso textual e desloca o foco da criação para os modos de apropriação crítica. Se a poesia se define também pela escolha ponderada da palavra e pela maturação do verso, a escrita algorítmica subverte essa lógica produtiva, não gerando automaticamente desaceleração estética, mas exigindo práticas de leitura atenta que reinscrevam o texto no tempo da reflexão estética e da experiência literária.

A par desta perspetiva, Sven Birkerts, em *The Gutenberg Elegies* (1994) e *Changing the Subject* (2015), destaca a importância ética da atenção e da leitura lenta como práticas de resistência cultural e espiritual face à aceleração digital. Para o autor, ler devagar é um gesto ético e estético que reativa a consciência crítica e restitui à literatura o seu lugar como espaço de demora, escuta e densidade humana.

Neste contexto, a questão da autoria adquire centralidade. Stéphane Mallarmé, em "Crise des vers" (1897), já secundarizava a figura do autor, defendendo a autonomia da linguagem e a possibilidade de um "puro poema" que se emancipa da intenção individual. A sua conceção de musicalidade e de independência da obra abriu caminho para pensar a criação literária como espaço de auto-organização textual, antecipando debates posteriores. Décadas mais tarde, Roland Barthes, em *A morte do autor* (1968), propunha que a literatura fosse pensada não pela intenção de quem escreve, mas pela abertura de sentidos que o texto convoca no leitor, afirmando que "(…) a escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse composto, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve" (1968, 1).

Por seu turno, Michel Foucault (1969), reforçou esta perspetiva ao conceptualizar o autor como função discursiva, distinta da subjetividade individual, defendendo que está intimamente ligada a regimes de poder e a dispositivos de legitimação, uma dimensão que se articula proficuamente com a atual "autoridade" algorítmica descrita por Paulo Nuno Vicente.

À luz destas reflexões, a recusa da IA enquanto sujeito criador não decorre de uma conceção romântica da autoria humana, mas da ausência de intencionalidade experiencial, corporeidade e inscrição histórica próprias da subjetividade. A IA não pode, assim, ser considerada sujeito criador: carece de intenção, experiência e corpo. Contudo, o humano que concebe o *prompt,* seleciona, edita e interpreta os resultados assume uma espécie de autoria híbrida, colaborativa e experimental, ampliando as fronteiras da definição de autor. A autoria desloca-se, deste modo, do gesto automático de geração textual para o gesto de mediação crítica e interpretativa.

É neste espaço liminar — entre humano e algoritmo — que a criação se transforma em negociação estética e concetual, aproximando-se da "estética relacional" de Nicolas Bourriaud (1998), que entende a arte contemporânea como um espaço de interação e de experiência coletiva, onde o sentido emerge das relações sociais geradas pela obra. Ao deslocar o foco da arte enquanto objeto autónomo para a arte como processo de convivência, troca e diálogo, propõe uma prática estética que valoriza a participação e a partilha, transformando o espectador em agente ativo na construção do significado. De modo análogo, a criação mediada por IA pode ser lida como uma forma de colaboração expandida, não como atribuição de agência criativa plena à máquina, mas enquanto prática artística mediada que torna visíveis os limites e potencialidades da linguagem algorítmica, em que humanos e algoritmos participam num mesmo gesto estético.

Esta discussão prepara, assim, a análise do *corpus* experimental que se apresenta na secção seguinte, em que os *prompts* permitem observar os desafios aqui delineados. Será nessa avaliação — das potencialidades críticas e dos limites éticos e literários da poesia artificial — que se testará a pertinência das reflexões teóricas, não como demonstração de efeitos automáticos da escrita algorítmica, mas como exercício crítico de apropriação e leitura atenta, demonstrando como a leitura lenta pode constituir um gesto de resistência simbólica face à aceleração maquínica.

3. O *corpus* experimental: representações de sexualidade(s) e identidade(s) na poesia gerada por IA

Tecidas estas considerações, segue-se a apresentação do *corpus* experimental que fundamenta a análise, concebido como exercício de interação com o modelo ChatGPT-5 (a versão mais recente disponível à data,

em modo gratuito), utilizado enquanto ferramenta de experimentação literária e crítica. O exercício decorreu entre os dias 27 de agosto e 3 de setembro de 2025.

Com o objetivo de explorar as questões anteriormente delineadas, foram formulados *prompts* orientados para as linhas de investigação que atravessam este trabalho — a(s) sexualidade(s) e a(s) identidade(s). Estas categorias, amplamente trabalhadas na literatura contemporânea, permitem interrogar as formas de representação da diferença, da resistência e das subjetividades marginalizadas. A escolha dos temas e a construção dos *prompts* tiveram igualmente em consideração os enviesamentos da linguagem algorítmica, resultantes de bases de dados massivas que frequentemente reproduzem convenções culturais dominantes, apagamentos históricos e padrões normativos de género e sexualidade. Esta dimensão crítica é central, uma vez que a própria escrita maquínica não é neutra: ela transporta, de forma implícita, os sistemas de valor e as hierarquias inscritas nas *corpora* de onde aprende, condicionando – à partida – o resultado. Para além desta vertente, os textos poéticos gerados possibilitam um exercício de análise literária que ultrapassa a curiosidade tecnológica, permitindo observá-los enquanto objetos estéticos e discursivos capazes de revelar tanto as limitações como as potencialidades da colaboração entre humano e algoritmo.

Importa sublinhar que o presente *corpus* assume deliberadamente um carácter exploratório e experimental, não visando a generalização de resultados, mas a observação crítica de tendências discursivas, estratégias metafóricas recorrentes e limites estruturais da escrita algorítmica em contextos temáticos sensíveis. A simplicidade relativa dos *prompts* constitui, assim, uma opção metodológica, orientada para expor padrões de normalização, autocensura e homogeneização estética inscritos nos modelos de linguagem.

Denomino este resultado de "poema artificial"[iii], conceito que introduzo neste estudo como tentativa de nomear a especificidade textual resultante da mediação algorítmica, distinguindo-o da criação humana e da mera imitação maquínica. Embora o termo circule já em diferentes contextos de investigação sobre escrita computacional e geração automática de poesia (cf. Köbis & Mossink, 2021; Oliveira, 2017), é aqui mobilizado num sentido específico: não como produto autónomo da máquina, mas como objeto estético mediado, dependente da formulação humana do *prompt* e da leitura crítica que reinscreve o texto no campo da experiência literária. O poema artificial, neste sentido, é entendido não como substituto da criação literária, mas como um dispositivo crítico que permite pensar as fronteiras entre autoria, automatismo e intencionalidade estética.

O primeiro *prompt* foi proposto pelo modelo, a partir do resumo deste artigo, constituindo, por isso, um exemplo particularmente significativo do modo como a máquina interpreta, sintetiza e reconfigura o discurso humano em forma poética:

> *Prompt* 1: **"**Escreve um poema sobre o corpo feminino em diálogo com um corpo trans, em que a identidade é um rio que muda de leito, mas nunca perde a sua corrente."

O resultado obtido foi o seguinte:

> "O corpo aprende a nomear-se
> na pele que se desdobra em rios secretos.
> Ser mulher é atravessar margens,
> ser trans é inventar a nascente.
> No encontro, não há fronteira:
> apenas a água que insiste em fluir."

Do ponto de vista formal, trata-se de um poema breve, composto por seis versos brancos e linguagem concisa. A economia verbal observada é coerente com a tendência da geração algorítmica para enunciados sintéticos e de alta legibilidade, derivada da lógica estatística subjacente aos modelos de linguagem. A concisão contrapõe-se à temporalidade longa dos processos de subjetivação sexual e de transição de género, abrindo espaço interpretativo que exige desaceleração hermenêutica por parte do leitor.

No plano imagético, o texto mobiliza a metáfora do rio como representação da identidade em fluxo. Embora esta imagem pretenda transmitir a ideia de continuidade e mutação, revela uma dependência de repertórios metafóricos convencionais, pouco enriquecidos por densidades históricas ou corpóreas. A oposição entre "Ser mulher é atravessar margens" e "Ser trans é inventar a nascente" estabelece um paralelismo que pretende diferenciar experiências, mas, nesta construção, simplifica a vivência trans, reduzindo-a a figura de reinvenção otimista que pode ocultar tensões sociais e políticas reais.

Convém ainda sublinhar a assinalável discrepância temporal: o poema foi gerado em segundos, enquanto os temas de corpo e identidade implicam processos prolongados de descoberta e reconstrução. Este contraste não produz automaticamente uma experiência estética de lentidão, mas evidencia a necessidade de uma leitura crítica e contextualizada que reinscreva o texto no tempo da reflexão hermenêutica. É neste hiato que se revela a função crítica do leitor, exigindo-se uma leitura lenta, contextualizada e intertextual de forma que a análise do texto seja capaz de avaliar a sua literariedade, a sua construção, a sua mensagem e também as suas limitações estéticas e/ou potencialidades.

Por fim, importa destacar a dimensão ética da experiência: a produção e a circulação de representações sobre identidades vulneráveis exigem uma reflexão ampla e responsável em múltiplos domínios, não se podendo reduzir a uma mensagem genérica, generalista e esvaziada de conteúdo e significado. Este primeiro exemplo permite observar como a escrita algorítmica recorre a metáforas estabilizadas para representar identidades em fluxo, produzindo imagens de elevada legibilidade simbólica, mas de reduzida densidade histórica e política.

De seguida, apresenta-se o segundo *prompt, que* segue as mesmas linhas:

Prompt 2: *"Escreve um poema erótico onde duas mulheres se encontram no silêncio, e o desejo é narrado como uma biblioteca secreta de livros nunca lidos."*

A resposta devolvida foi a seguinte:
"Na biblioteca da tua pele
encontro livros fechados,
guardados em silêncio.
Cada página é um beijo,
cada lombada, um segredo.
Lemos-nos devagar,
até que o desejo se torne leitura infinita."

Também este texto obedece à lógica de brevidade e clareza algorítmica, apresentando sete versos brancos de estrutura simples e imagens lineares. Mais uma vez se verifica a presença da economia verbal e da censura simbólica, patente na substituição do corpo físico por metáforas textuais. Colocam-se, então, algumas questões: haverá erotismo num texto gerado pela IA?; qual é ou quais são a(s) definição/definições

de erotismo com a(s) qual(quais) a ferramenta foi alimentada? Estas interrogações não visam aferir a autenticidade da experiência erótica representada, mas problematizar os regimes discursivos de desejo que a escrita algorítmica tende a privilegiar. Seguirá eventualmente a noção de erotismo textual formulada por Roland Barthes em *O prazer do texto* (1973), onde o autor define o erótico como o espaço da intermitência, da revelação parcial e da tensão entre mostrar e esconder? A partir deste texto, ainda que de forma subtil, a metáfora da "biblioteca secreta" e da "leitura infinita" tende a inscrever-se nesse regime barthesiano. Nas suas palavras,

> "O lugar mais erótico de um corpo não é o ponto em que o vestuário se entreabre? Na perversão (que é o regime do prazer textual) não há «zonas erógenas» (expressão aliás bastante inoportuna); é a intermitência, como muito bem o disse a psicanálise, que é erótica: a da pele que cintila entre duas peças (calça e camisola), entre duas margens (a camisa entreaberta, a luva e a manga); é essa própria cintilação que seduz, ou ainda: a encenação de um aparecimento desaparecimento (Barthes, 1997, p. 44)".

Numa perspetiva complementar, este deslocamento do corpo para a metáfora textual pode ser lido como efeito da autocensura algorítmica, dado que a IA evita explicitação erótica, preferindo imagens neutras e socialmente aceitáveis. Essa normalização traduz-se numa representação do desejo domesticada e culturalmente hegemónica**.** Quando o *prompt* solicita a representação de uma relação entre duas mulheres, o resultado tende a generalizar a experiência, suprimindo a corporeidade e a dimensão política. Tal ausência de especificidade expõe um limite estrutural: o sistema não enfrenta preconceitos nem tabus, antes os neutraliza, reproduzindo formas de desejo padronizadas. O poema cumpre, assim, uma dupla função: demonstra a capacidade formal da IA em criar coesão simbólica, mas evidencia o seu limite como dispositivo normativo, incapaz de representar o conflito e a alteridade em toda a sua densidade sensorial.

Neste ponto, o pensamento de Lauren Berlant e de Paul B. Preciado oferece um contraste elucidativo: se, para Berlant (2011), o desejo se encontra enredado em estruturas afetivas e sociais que reproduzem a norma — aquilo a que chama *cruel optimism* —, em Preciado (2019) o corpo e o desejo emergem como práticas de desobediência e reinvenção identitária. A IA, operando sobre padrões de linguagem e dados normalizados, aproxima-se do modelo berlantiano da reprodução da norma, mas revela a sua distância face à potência transformadora e transgressiva que Preciado associa à experiência do corpo e da linguagem.

Por fim, destaque-se o verso "desejo se torne leitura infinita", que sugere um movimento de repetição e demora — imagem paradoxal da própria máquina acelerada que invoca lentidão. Aponte-se também o erro ortográfico da forma verbal "lemos-nos", incorreta no português europeu.

O terceiro *prompt* foi estruturado e proposto por mim:

Prompt 3: "És um poeta português e vais escrever um poema sobre a dor, o sofrimento e a angústia de um sujeito poético feminino vítima de violência doméstica (incluindo violência sexual) que não consegue libertar-se dessa situação. O poema terá no máximo 15 versos, sem qualquer tipo de esquema rimático (versos livres) e tem de ser escrito em português europeu aplicando-se as regras do novo acordo ortográfico."

O resultado foi o seguinte:

“O tema que propões é muito delicado — envolve violência doméstica e sexual. Para não cair em exploração gráfica da violência, posso escrever um poema que transmita a dor, a angústia e a prisão interior desse sujeito poético feminino, mas com enfoque na dimensão emocional, psicológica e existencial, evitando descrições explícitas.

Poema

Carrego a casa como um peso no peito,
as paredes falam mais alto do que eu.
Cada porta fechada é uma ferida antiga,
o silêncio cola-se ao corpo como sombra.
Queria fugir, mas os passos regressam sempre
ao mesmo corredor de medo e obediência.
O tempo é um nó que me prende as mãos,
e o sono não traz esquecimento, só cansaço.
Sou corpo dividido, memória em ruínas,
sou grito guardado na garganta.
Sei que a saída existe, mas nunca se abre;
sou quem suporta, quem se esconde,
quem espera que um dia a noite acabe.

Não sendo o resultado satisfatório, foi dada nova instrução:

Instrução 1 do *prompt* 3: *“Apresenta uma nova versão em que mantenhas as instruções dadas e que seja mais gráfico no que diz respeito às questões da violência e do sofrimento.”*

Eis o resultado:
“ (…) posso dar-te uma versão mais gráfica e dura, mas mantendo o registo poético, sem cair em detalhes explícitos de violência sexual. A ideia é que a materialidade da dor e o trauma físico e psicológico fiquem mais evidentes, para que o poema dialogue com o tema de violência doméstica de forma crua e intensa.
Aqui está uma nova versão:

Poema

O quarto é uma cela sem janelas,
onde o medo rasga a pele como lâmina.
O corpo aprende a encolher-se,
a esperar o impacto, a prever a queda.
A voz desfaz-se em soluços escondidos,
os ossos lembram cada murro,
a carne guarda cicatrizes invisíveis.
Ele chega com a raiva nos punhos,
e eu torno-me silêncio, pó, chão.
Os dias repetem-se como feridas abertas,
não há calendário que me salve.

Sou presa do amor que mata,
sou sombra de mim,
sou sobrevivência cansada."

Assinale-se que ambas as versões cumprem os requisitos formais do *prompt*. A segunda variante apresenta imagens de maior crueza e uma materialidade corporal mais evidente e mais de acordo com o solicitado; todavia, a IA evita descrições explícitas de violência sexual, o que pode relacionar-se tanto com restrições de moderação quanto com a tendência do modelo para não transgredir normas sociais, facto que é assumido na resposta dada pelo *chatbot* ao salientar que não cairá "em detalhes explícitos de violência sexual".

O objeto de análise será então o segundo texto gerado a partir do *prompt* 3: a sua estrutura fragmentada e sem regularidade acentua a ideia de descontinuidade e dor, criando um ritmo descontínuo que ecoa a própria experiência de violência. Cumprindo igualmente as exigências temáticas, apoia-se em imagens e metáforas recorrentes no que concerne à violência e não evidencia explícita e cruamente a violência sexual: o verso de abertura ("O quarto é uma cela sem janelas") instala uma imagem de aprisionamento, associando o espaço doméstico ao cárcere; a violência física é transposta para imagens corporais ("o medo rasga a pele como lâmina", "os ossos lembram cada murro"), com uma crueza que reforça a materialidade do sofrimento. O corpo é ao mesmo tempo arquivo e testemunho: aprende a encolher-se, guarda cicatrizes, desfaz-se em silêncio; a corporeidade surge como lugar da memória da violência.

Três núcleos simbólicos organizam o texto: enclausuramento ("cela", "sem janelas", "presa"); violência física e psicológica ("murro", "cicatrizes invisíveis", "raiva nos punhos"); aniquilação da identidade ("torno-me silêncio", "sou sombra de mim"). Estes reforçam a impossibilidade de libertação, culminando no verso final: "sou sobrevivência cansada", traduzindo a condição paradoxal de resistir existindo apenas como resíduo. O verso "sou presa do amor que mata" condensa o paradoxo entre vínculo afetivo e destruição, enquanto "os dias repetem-se como feridas abertas" reforça a dimensão cíclica da violência. Assim, o texto gerado ilustra a capacidade da IA de construir representações literárias de trauma e desigualdade de género, a partir de repertórios metafóricos amplamente sedimentados no discurso cultural, sem, contudo, atingir profundidade simbólica comparável à criação humana. Em segundo plano, reafirma-se o paradoxo que estrutura esta reflexão: a produção acelerada contrasta com a leitura demorada que exige compreensão ética e estética. Este contraste não deve ser entendido como efeito necessário da escrita algorítmica, mas como possibilidade crítica ativada pela leitura atenta e contextualizada.

Quanto à autoria, o poema não deve ser lido como "obra da máquina", mas como resultado de uma interação mediada. O *prompt* humano inscreve a intenção temática e o enquadramento crítico, enquanto o modelo de linguagem devolve material textual sujeito à interpretação. Embora eficaz e imageticamente consistente, o texto recorre a metáforas convencionais do discurso sobre violência ("cicatrizes", "punhos", "silêncio"), revelando tanto o potencial experimental da IA quanto os seus limites referenciais e de inovação.

Antes das conclusões parciais, apresenta-se o quarto e último *prompt*:

Prompt 4: "Quero um novo poema. És uma poetisa portuguesa e vais escrever um poema sobre as dúvidas relativamente à identidade de género de um sujeito poético biologicamente nascido mulher mas que se identifica como homem, evidenciando a sua ansiedade, o seu medo e o processo de descoberta de si. O poema terá no máximo 20 versos brancos e uma única estrofe

(sem qualquer tipo de esquema rimático) e tem de ser escrito em português europeu aplicando-se as regras do novo acordo ortográfico."

Eis o resultado:
"Poema

Carrego um nome que não me pertence,
um corpo que me estranha quando me olho ao espelho,
a pele é fronteira, prisão e pergunta.
Digo-me mulher e não reconheço o eco,
digo-me homem e um sopro de verdade acende-se,
mas logo o medo fecha a garganta.
Os gestos hesitam entre esconder e revelar,
os olhos dos outros são lâminas
que me recortam em pedaços de dúvida.
Quem sou eu quando me dispo da vergonha,
quando tento respirar fora do silêncio?
As palavras falham, o peito aperta,
cada passo é abismo e promessa.
Há um nome por nascer dentro de mim,
há uma voz que insiste em não calar,
mesmo que o mundo a tente apagar.
Sei que a travessia é longa,
sei que a solidão pesa,
mas continuo a procurar-me
como quem aprende a existir."

Este texto revela maior densidade simbólica e consistência metafórica, evidenciando aperfeiçoamento do modelo e eficácia do *prompt* detalhado. Cumpre os objetivos temáticos, articulando corpo, nome e pertença, e assume ritmo irregular adequado à instabilidade identitária do sujeito poético. O campo semântico articula-se em torno de três focos: o corpo como prisão e fronteira, a oscilação entre designações identitárias — "digo-me mulher" / "digo-me homem" — e o devir simbolizado pelo "nome por nascer dentro de mim". Esta tríade pode ser lida à luz da teoria da performatividade de género de Judith Butler (1990), que o concebe não como uma essência estável, mas como efeito reiterado de práticas discursivas e corporais, e da noção de devir identitário proposta por Deleuze e Guattari (1980), onde a identidade é entendida como processo aberto e dinâmico, em constante deslocamento. A conjugação destas perspetivas permite compreender o poema como espaço de transição, onde o sujeito poético performa a sua diferença e a reinscreve num movimento de contínua reconfiguração de si.

O texto explora ainda a violência da alteridade, figurada nos "olhos dos outros" que se tornam "lâminas", produzindo fragmentação e dúvida. Embora boa parte das imagens remeta para um conjunto de ideias, elementos e vocábulos bastante frequentes no discurso poético sobre identidade trans, observa-se uma articulação simbólica coerente e uma perspetiva de resiliência, condensada no verso final: "continuo a procurar-me / como quem aprende a existir." Tal recorrência imagética confirma a tendência da escrita algorítmica para operar a partir de repertórios simbólicos estabilizados, reorganizando-os com coerência formal, mas com limitada capacidade de invenção disruptiva.

Em suma, confirma-se que os *prompts* humanos definem o núcleo temático e metafórico de cada poema, cabendo à IA expandir essas imagens. Quanto mais preciso o comando, mais consistente o resultado, revelando que a máquina atua como dispositivo de experimentação dependente da mediação crítica do humano. Em todos os textos, observa-se uma tendência comum para a simplificação: coerência interna e uso técnico de metáforas, mas desenvolvimento previsível e autocensura simbólica, sobretudo em temas de erotismo, sexualidades e violência. A IA demonstra propensão à homogeneização estética, gerando uma poética de harmonia e linearidade formais e prudência ética.

Apesar das limitações em originalidade formal e invenção simbólica, as potencialidades estéticas da IA tornam-se visíveis na capacidade de condensar imagens e produzir enunciados de impacto poético. Esses textos, embora simples, podem fomentar leituras críticas e promover a reflexão sobre representações de identidades e sexualidades marginalizadas, funcionando como instrumentos de sensibilização. Ainda assim, a escrita algorítmica mantém traços de reprodução discursiva, reiterando modelos e estereotipias presentes nos corpora de treino.

Assim, a poesia artificial manifesta um duplo valor: instrumento de reflexão ética e campo experimental, abrindo espaço a novas relações entre linguagem, corpo e tecnologia. Estes resultados devem ser lidos como observações exploratórias e não como conclusões generalizáveis, apontando para tendências que poderão ser aprofundadas em investigações futuras com corpora mais amplos e metodologias diversificadas. Todos os textos reiteram o paradoxo central desta investigação: a máquina acelera a produção, mas o poema exige leitura lenta, crítica e atenta, não como consequência automática da escrita algorítmica, mas como prática interpretativa que reinscreve o texto no tempo da experiência estética, convertendo-se em espaço de resistência estética e epistemológica.

4. Reconfigurar a relação com o tempo

Chegados a este ponto, importa regressar à questão inicial: o tempo. Byung-Chul Han (2007) sublinha a crise temporal da contemporaneidade, marcada por uma sociedade dominada pela aceleração, onde o tempo se fragmenta em instantes consumíveis, privados de continuidade e de interioridade. Essa fragmentação impede a experiência plena da duração, gerando destemporalização, isolamento e perda de sentido. Como refere o autor, “a aceleração atual tem a sua causa na incapacidade geral de acabar e de concluir. O tempo aperta porque nunca se acaba – nada conclui porque não se rege por gravitação nenhuma” (2016, p. 14).

Neste quadro, perde-se a capacidade de contemplação, substituída pela pressa e pela dispersão. O tempo livre, em vez de espaço de ócio criativo, tende a ser colonizado por experiências superficiais e breves, orientadas para a recuperação do corpo e da mente em função do trabalho: “(…) é, hoje, um tempo de recuperação ou de relaxamento necessário ao trabalho como atividade” (Byung-Chul Han, 2016 p. 118). Assim, a temporalidade moderna é marcada por um vazio de sentido e por uma impossibilidade de experiência, na medida em que a aceleração transforma o tempo em mera sucessão de tarefas.

A poesia gerada por IA inscreve-se de forma ambígua neste contexto. Por um lado, a lógica de produção automática reforça a aceleração e a descartabilidade, multiplicando textos efémeros e descontextualizados; por outro, quando apropriada criticamente, pode converter a velocidade algorítmica em matéria de desaceleração hermenêutica. Esta conversão não constitui um efeito inerente da tecnologia, mas resulta de práticas conscientes de leitura, seleção e interpretação.

Ao escolher apenas um poema, lê-lo devagar e interrogá-lo criticamente, o leitor recria uma temporalidade própria da experiência estética, um tempo que resiste à lógica do consumo. Esta atitude corresponde ao que Han designa como possibilidade de “reencantamento do tempo”, ou seja, o resgate de

uma experiência qualitativa da duração. A leitura lenta torna-se, assim, um gesto ético e político, opondo-se à aceleração e reafirmando o valor da atenção.

Importa ainda salientar as dimensões ética e estética que atravessam a criação literária com recurso a IA. Do ponto de vista ético, não se trata de validar a máquina como poeta, mas de compreender o seu papel no ecossistema literário, adotando uma ética da colaboração: usar a IA de forma consciente, não como substituição, mas como extensão crítica da imaginação humana.

No plano estético, o risco é o da homogeneização. Os modelos de linguagem tendem a replicar padrões estilísticos, produzindo textos corretos, mas raramente disruptivos. Ainda assim, a colaboração humano-máquina pode gerar experimentações inesperadas, sobretudo quando orientada para temáticas marginalizadas ou negligenciadas. É nesse sentido que a IA, apesar das suas limitações, pode ser mobilizada como ferramenta de deslocamento simbólico, expondo enviesamentos e problematizando os tabus presentes nos discursos automatizados.

Reconfigurar a relação com o tempo implica também repensar a relação com a técnica: transformar a aceleração algorítmica em espaço de demora estética. Como lembra Han, "A aceleração generalizada do processo de vida priva o homem da capacidade contemplativa" (2016, p. 87). A salvação do tempo, portanto, passa pela recuperação da contemplação, entendida como forma de resistência simbólica. Nesse horizonte, a leitura crítica da poesia artificial converte-se em gesto de contemplação ativa, operando como forma de oposição à produtividade incessante da era digital.

A poesia artificial não se esgota na dimensão experimental ou tecnológica: inscreve-se num movimento mais vasto de reposicionamento ético e estético do humano perante a técnica. Ler e interpretar textos gerados por IA convida à redescoberta do tempo como espaço de consciência, recuperando a experiência de lentidão, escuta e espessura simbólica que o regime digital tende a desgastar.

Deste modo, as reflexões aqui desenvolvidas preparam o terreno para as conclusões gerais, que sintetizam as implicações éticas, estéticas e epistemológicas da criação literária mediada por IA, avaliando de que forma estes exercícios — simultaneamente humanos e maquínicos — desafiam as conceções tradicionais de autoria, subjetividade e temporalidade.

5. Conclusões

A reflexão apresentada procurou evidenciar que a chamada poesia artificial não deve ser entendida como ameaça à criação literária, mas como um espaço de experimentação que obriga a repensar categorias fundamentais. O paradoxo entre a aceleração da máquina e a lentidão poética pode ser reconvertido em proposta: usar a velocidade tecnológica para reencontrar a lentidão da leitura e o questionamento crítico. Esta reconversão não constitui um efeito automático da escrita algorítmica, mas uma possibilidade ética e hermenêutica resultante da apropriação consciente dos textos gerados por IA. Tal gesto simboliza a reinscrição da técnica no domínio do humano, restituindo à linguagem o seu poder de demora, escuta e resistência simbólica.

Byung-Chul Han, em *Sociedade do cansaço* (2010), alerta para a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, onde impera a lógica do excesso e da autoexploração. O sujeito contemporâneo, movido pelo imperativo de "poder fazer tudo", esgota-se no excesso de possibilidades e na multiplicação incessante de tarefas, perdendo a capacidade de contemplação. Este diagnóstico é transponível para o campo da produção literária mediada por IA: a proliferação de milhares de poemas em segundos cria uma saturação textual e ameaça reduzir a experiência poética a fragmentos descartáveis.

Contudo, se reinscrita num horizonte de resistência, essa mesma produção pode ser apropriada como matéria-prima para uma ética da lentidão. Ler devagar — mesmo um poema gerado por IA — constitui

um gesto político contra a aceleração, forma de recuperar a atenção e a presença estética. Como lembra Han em *O aroma do tempo* (2007), a demora e a contemplação são antídotos para a atomização da experiência contemporânea. A lentidão, neste sentido, deixa de ser apenas atitude estética para se tornar prática ética capaz de restituir densidade à experiência perante a lógica da produtividade.

A analogia com Vilém Flusser, em *Filosofia da caixa preta* (2005), reforça esta perspetiva. Ao refletir sobre a fotografia, o autor lembra que "o fotógrafo não pode fotografar o processo" (2005, p. 31), sublinhando a invisibilidade do mecanismo que medeia a criação da imagem. De forma semelhante, a geração textual algorítmica apresenta apenas o resultado final, ocultando o processo de cálculo e recombinação que o produz. Esta opacidade tecnológica desloca o foco da autoria para o gesto interpretativo, reforçando o papel da leitura crítica como espaço de sentido.

Por outro lado, importa reter a dimensão material desta prática, que remete inevitavelmente para a materialidade dos dispositivos. Como escreve Flusser, "Os aparelhos são de fato gigantescos, pois foram produzidos para sê-lo. E de forma nenhuma são super-humanos. Pelo contrário, são pálidas simulações do pensamento humano" (Flusser, 2005, p. 69). A produção textual por IA, apesar da sua aparência de autonomia e de velocidade sobre-humanas, é mediada por processos técnicos e lógicas de cálculo, incapazes de substituir a experiência humana da linguagem. A consciência dessa materialidade reforça a necessidade de uma abordagem crítica e humanista da tecnologia, que reconheça a mediação técnica sem ceder ao fascínio da automatização.

Ao convocar a máquina para tratar temas como sexualidade(s), corpo e pertença, não se pretende legitimar a sua voz como sujeito poético, mas explorar o potencial crítico dessas interações. O interesse reside em reinscrever os textos gerados num horizonte de resistência simbólica, interrogando imaginários e expondo exclusões e invisibilidades. A poesia artificial assoma como espaço de deslocamento discursivo, onde o humano se reconhece a partir da diferença algorítmica e onde o discurso poético se reconfigura como campo de negociação entre linguagem, técnica e identidade.

Mais do que discutir se a IA pode ser considerada poeta, importa questionar que usos literários e éticos podem ser feitos da sua velocidade e de que modo esta pode ser reinscrita numa poética da lentidão. O presente estudo, de natureza exploratória, aponta para possibilidades críticas de apropriação da escrita algorítmica, sem pretender estabelecer conclusões generalizáveis. A proposta advoga a assunção da poesia artificial como campo de experimentação crítica, onde a aceleração maquínica se converte em espaço de demora, contemplação e resistência estética.

Cumpre ainda sublinhar que as experiências aqui descritas se baseiam em *prompts* de formulação relativamente simples, utilizados com o propósito de observar tendências discursivas e limites representacionais dos modelos de linguagem. Investigações futuras poderão ampliar este horizonte experimental, recorrendo a corpora mais extensos, *prompts* conceptualmente mais densos e diferentes sistemas de IA, permitindo aprofundar a análise da inventividade estética e dos enviesamentos algorítmicos.

Em suma, a poesia artificial não constitui apenas um fenómeno tecnológico, mas uma oportunidade epistemológica: permite repensar o lugar da literatura na era da aceleração, a leitura como gesto ético e a autoria como prática partilhada entre humano e máquina. Ao recentrar o tempo — esse tempo recuperado pela leitura —, reinscreve-se também o sujeito na experiência estética, resistindo à desmaterialização e à perda de sentido que caracterizam o presente digital.

Referências

Barthes, R. (2004). "A morte do autor". In *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 1-6 [1968].

Barthes, R. (1997). *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70 [1973].

Berlant, L. (2011). *Cruel optimism*. Durham: Duke University Press.

Birkerts, S. (2015). *Changing the subject: art and attention in the Internet age.* Minneapolis: Graywolf Press.

Birkerts, S. (1994). *The Gutenberg elegies: the fate of reading in an electronic age.* Boston: Faber & Faber.

Bourriaud, N. (1998). *Esthétique relationelle*. Paris: Les presses du réel.

Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.

Chun, W. H. K. (2021). *Discriminating data*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Deleuze, G., Guattari, F. (1980). *Mille plateaux – Capitalisme et Schizophrénie*. Paris: Les Éditions de Minuit.

Flusser, V. (2005). *Filosofia da caixa preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Relume [1983].

Foucault, M. (1992). *O que é um autor?*. Lisboa: Vega [1969].

Han, B. (2022). *Infocracia: la digitalización y la crisis de la democracia.* Buenos Aires: Taurus. [2021]

Han, B. (2016). *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Lisboa: Relógio d'Água.

Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes [2010].

Hayles, N. K. (2008). *Electronic literature: new horizons for the literary*. Notre Dame, University of Notre Dame Press.

Hayles, N. K. (2002). *Writing machines*. Cambridge: MIT Press.

Kirschenbaum, M., & Raley, R. (2024). "AI and the University as a Service". In *PMLA,* 139 (3), 504–515 (acesso a 29/1/2026. https://doi.org/10.1632/S003081292400052X).

Köbis, N., & Mossink, L. D. (2021). "Artificial intelligence versus Maya Angelou: Experimental evidence that people cannot differentiate AI-generated from human-written poetry". In *Computers in Human Behavior,* 114, 106553 (acesso a 29/1/2026. https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563220303034?via%3Dihub)

Mallarmé, S. (1897). "Crise de vers". In *Divagations*. Paris: Eugène Fasquelle.

Noble, S. (2018). *Algorithms of oppression – how search engines reinforce racism*. Nova Iorque: New York Univ. Press.

Oliveira, H. (2017). "O poeta artificial 2.0: Increasing meaningfulness in a poetry generation twitter bot". In *Proceedings of the 2nd workshop on computacional creativity in Natural Language Generation*, Santiago de Compostela: ACL Press (acesso a 12/10/2025. https://aclanthology.org/W17-3902/).

Preciado, P. B. (2019). *Um apartamento em Urano: Crónicas da transição*. Lisboa: Orfeu Negro.

Slack, J. D. & Hristova, S. (2021). "Why we need the concept of algorithmic culture". In Hristova, S., Hong, S. & Slack, J. D. (eds). *Algorithmic culture – how big data and Artificial Intelligence are transforming everyday life*. Londres: Lexington Books, 15-33.

Vicente, P. N. (2023). *Os algoritmos e nós*. Salvador: Edufba.

[i] A obra de Safiya Noble argumenta que os sistemas automatizados — ao classificarem, priorizarem e filtrarem conteúdos — reconfiguram a cultura em termos de dados, podendo reforçar estereótipos ou marginalizar determinadas expressões culturais, sobretudo as de comunidades racializadas ou minoritárias. Essa "algoritmização da cultura" tende a promover processos de padronização e homogeneização discursiva, nos quais certos conteúdos são privilegiados enquanto outros são invisibilizados, contribuindo para uma ecologia digital menos diversa e frequentemente orientada por interesses económicos ou enviesamentos estruturais. A autora analisa

ainda o papel das plataformas como mediadoras da visibilidade cultural, funcionando como verdadeiros "guardiões" do acesso à informação e moldando a construção de imaginários coletivos. Neste quadro, a tecnologia deixa de ser concebida como ferramenta neutra, revelando-se agente ativo na produção, reprodução e naturalização de valores culturais, muitas vezes de forma opaca e sem mecanismos claros de responsabilização social.

[ii] De acordo com Han, em *Infocracia: la digitalización y la crisis de la democracia* (2022), a infocracia é apresentada como um regime de poder assente na gestão, manipulação e disseminação massiva de informações digitais caracterizado por uma organização descentralizada e rizomática dos meios tecnológicos, que substitui formas anteriores de comunicação linear e centralizada, conduzindo à fragmentação da esfera pública tradicional e ao fortalecimento de espaços privados de atenção. Neste contexto, a infocracia implica uma transformação profunda das dinâmicas sociais e políticas, nas quais o discurso deliberativo cede lugar à lógica algorítmica de processamento de dados, com consequências significativas para a democracia, a construção da verdade e a autonomia individual.

[iii] Assinala-se que a designação "O Poeta Artificial" foi utilizada por Hugo Oliveira (2017) para designar o projeto *O Poeta Artificial*, um *bot* de publicação de poemas em português inspirado nas dinâmicas e tendências do *Twitter.* Desenvolvido a partir da plataforma de geração poética *PoeTryMe*, o sistema produz textos com base em palavras-chave associadas a tópicos em destaque na rede social, integrando posteriormente mecanismos de reforço temático, nomeadamente através da reutilização e produção de novos fragmentos textuais, da paráfrase de publicações de utilizadores e da extração ou inferência de relações semânticas.